

**ÂNGELA**

ANNA CRISTINA DE ARAÚJO RODRIGUES

Para quem sai da Praça Dom Pedro II, à direita da igreja matriz, fica a Rua Pedro Botelho, de grande importância na cidade já que era ali a casa paroquial, vizinha do salão paroquial, onde as crianças faziam o catecismo e se preparavam para a primeira comunhão e para a crisma. Também era nessa rua que ficava o Grupo Escolar Frei Eustáquio, ou simplesmente “Grupo de Baixo”, onde estudavam as crianças brancas da cidade, em oposição ao “Grupo de Cima”, onde estudavam as crianças pretas. Antes do grupo escolar, ficava o posto de saúde e, depois do grupo, o centro telefônico, onde trabalhavam as telefonistas que usavam uma estranha linguagem de som anasalado para completar as então difíceis ligações do interior para a capital: “Alôaaaa... Laginha... aqui é Cipoal. Cipoal quer falar com a capital... Alôaaaa... Alôaaaa...”. Depois do centro telefônico, ainda tinha a cantina, espaço que funcionava como local para recepção de casamentos, feijoadas beneficentes, formatura de pré-primário e quarto ano e uma ou outra atividade cultural, cada vez mais rara desde que as pessoas passaram a preferir assistir TV a qualquer outra coisa na vida e, por fim, descobriram a internet e as redes sociais.

Nessa rua moravam os Ladeira. Nascidos em família tradicional, os jovens Antônio e Josefina se casaram e tiveram quatro filhas e um menino, caçula da família. Ele, fazendeiro, e a mulher, professora, ambos eram muito queridos pelos muitos empregados da casa e pela vizinhança e conhecidos na cidade inteira. A casa onde viviam era bonita e confortável, com flores no jardim e um pé de mandacaru que atraía a atenção por não ser planta típica da região e porque suas raras flores brancas desabrochavam à noite e murchavam ao nascer do sol. As filhas eram lindas moças criadas na castidade da vida pautada nos preceitos religiosos e nos valores educacionais da mãe professora. Tão logo concluíram o primário e o ginásio, foram enviadas para colégios de freiras para continuar os estudos e se preparar para uma vida mais de acordo com os tempos modernos. Já não era suficiente fazer só o curso Normal e depois ir dar aula em classes multisseriadas das escolas da zona rural, destino tão corriqueiro para as moças de famílias menos ricas da cidade.

Enquanto, porém, a família Ladeira se organizava para garantir um futuro já traçado para as filhas, os anos 1960/70 definiam novos rumos, em tudo contrários aos valores tradicionais: o rígido moralismo da sociedade entrava em xeque e chegava à pequena cidade do interior, porque a modernidade era inevitável. A juventude tomava conhecimento e aderiu à movimentação que sacudia o mundo dito civilizado. O rock, os ideais ideológicos de esquerda, as experiências com drogas, a perda da inocência, a revolução sexual e os

protestos juvenis que incluíam defesas feministas e dos direitos civis de negros e homossexuais contrariavam definitivamente o que papai e mamãe tinham em mente, principalmente, para as meninas que deveriam ser castas e casadoiras.

A terceira das filhas, que se destacava pela beleza física, além da simpatia, era Ângela, que desafiou os valores da família e um dia foi obrigada a voltar da cidade grande onde estudava e contar aos pais que estava grávida. Foi um escândalo. A moça que não devia ter mais que 20 anos de idade acabava de afrontar não só sua família, mas toda a cidade. Desse dia em diante, as janelas da frente da casa foram fechadas, a porta da sala que dava para a rua foi trancada em caráter definitivo, e Ângela foi proibida de tudo sob qualquer pretexto. Nem amigas podiam entrar, nem Ângela podia sair. Durante toda a gestação, ninguém viu a Ângela. Já aposentada, a mãe saía apenas para ir à missa. O pai ia para a fazenda de manhã e voltava à tarde. As outras filhas raramente vinham à cidade visitar os pais. O caçula era muito pequeno para entender o que estava se passando. E os empregados mantiveram total discrição. A vizinhança entendeu o recado, concordou com a medida firme dos pais e respeitou.

O peso do silêncio caiu sobre a casa, sobre a rua, sobre a cidade. Era como se a moça nunca tivesse existido. Ninguém perguntava por ela, ninguém se referia sequer ao seu nome. Ninguém soube do nascimento do menino. Durante um tempo que pareceu infinito, havia um fantasma que assombrava a pequena cidade.

Mas o tempo passou, o menino cresceu, abriu a porta da sala, as janelas da frente e mostrou sua carinha ao mundo. Nessa época, Ângela já estava suficientemente esquecida e ninguém deu pela falta dela até o dia em que as famílias ilustres receberam um convite de casamento: “Antônio e Josefina convidam para a cerimônia religiosa do casamento de sua filha Ângela a realizar-se no dia XX, às XX horas, na igreja matriz, onde os noivos receberão os cumprimentos”. Não houve festa, mas foi o casamento mais concorrido da história da cidade. A flor que mal desabrochou e antes do nascer do dia murchou sorria timidamente, vestida de um rosa claro muito discreto, em substituição ao branco, a lembrar a todos de maneira exemplar a castidade perdida.

